

O PROFESSOR MILITAR

Maj Art JONAS CORREIA NETO
(Ex-aluno e ex-instrutor do CMRJ)

1. No moderno Exército Brasileiro, dois caminhos se apresentam ao Oficial que o afastam definitivamente das atividades da Tropa, ou a ela intimamente ligadas: são o Instituto Militar de Engenharia e o Magistério Militar.

Pelo primeiro, em que através de um curso regular se formam Técnicos, e do melhor gabarito, mantém-se o oficial na ativa, embora em Quadro especial, onde até ao generalato pode aspirar.

Pelo segundo caminho, através de concurso público, o oficial candidato, se aprovado, é transferido para a reserva de 1ª classe no posto imediatamente superior e ingressa no Magistério Militar. Ai, sujeito agora a legislação própria, até suas promoções são reguladas de forma diversa daquela que é válida para todo o quadro de Oficiais, inclusive os do QT.

Nunca entendi bem a necessidade de se passar para a reserva o Professor, e menos ainda a lógica — criada aliás por aquêlê fato — de sistema de promoção a que é sujeito.

Parece-me que teria sido perfeitamente aceitável a criação de um Quadro especial, no qual ingressassem os Professôres, assim como os Técnicos têm o seu QT. Sob o ponto de vista militar, que diferença há entre o Oficial Professor e o Técnico, por exemplo? E aquêlê, que está na reserva, por acaso é um inativo, como o são, em sua totalidade, os oficiais da reserva não Professôres? Ao contrário: está em muita atividade, na sua tarefa sobremodo grandiosa de ensinar e educar.

2. Vêm-me à idéia estas coisas, quando leio a notícia da inclusão, no Magistério do Exército, de um numeroso grupo de Oficiais, alguns dêles meus colegas de turma na velha Escola Militar, e meus amigos.

De alguns, sei da verdadeira vocação para a profissão que, de ora em diante, será a sua, em que pèse a condição de militar e a honraria do posto. Terão de ser, acima de tudo, Professôres; como o Oficial de QT deve ser sobretudo um Técnico; como o Oficial de SS deve ser principalmente Médico e o do S Vet, Veterinário. Assim não sendo, algo não andarâ certo; pois dentro do grande título "militares" há o lugar de cada um, a sua tarefa específica, indispensável ao conjunto. E sômente os "troupiers" e os Oficiais de Estado-Maior, — os quais,

junto com a Tropa, são o núcleo o cerne, o fundamento do Exército, — sômente êsses usam apenas o título singelo de “militar”, porque esta, e só esta, é a sua profissão.

Demais, tenho conhecido Professôres com tanto espírito militar quanto os que mais o possuam, revelado no amor ao Exército, na noção de disciplina e cumprimento do dever, no cuidado com os uniformes, na atitude, no entusiasmo pelas coisas marciais. Como tenho lidado com técnicos, médicos, veterinários, militares com todos êsses atributos, ou bastante fracos em vários dêles. Como há na Tropa muitos “paisanos” fardados, aguardando azêdamente a hora de sair do serviço ativo e então poderem mais à vontade criticar com dureza, em geral injustamente, esta nobre instituição da qual sômente souberam servir-se, sem a servir.

3. Ser Professor é ser Mestre, Amigo e Exemplo.

O Mestre ensina. Não tudo o que sabe, que deve ser muito, e constantemente ampliado; mas aquilo que o aluno precisa saber, de acôrdo com o que marcam os currículos. Para ensinar, tem de conhecer a turma, e cada um dos que a compõe. Precisa sentir-lhe o ambiente coletivo, e definir as características individuais. Pois sômente assim poderá do ensino resultar a aprendizagem, que é a meta, e sem a qual todo esforço terá sido em vão.

O Amigo anima, inspira confiança, desperta o interêsse. Faz da matéria antipatizada a que mais se estuda; da questão aparentemente difficil, aquela cuja solução é uma vitória creditada ao esforço do aluno por resolvê-la; e até dum assunto árido, uma coisa atrativa consegue fazer. Tudo porque a amizade cria uma permutação de sentimentos que, inconscientemente quase, possibilita um vitalizante intercâmbio de idéias e de gostos.

O Exemplo — êste é vital, e o Professor militar tem a obrigação de lhe dar particular atenção. Nenhuma autoridade é maior, nem mais acatada como tal, do que aquela que se impõe pelo exemplo dado dia a dia, a tôda hora, em todo lugar, até longe do restrito círculo escolar. Farda limpa, gravata bem ajustada, boné colocado corretamente, bolsos abotoados, sapatos lustrados — quando fardado, são pequeno aspectos (aliás, regulamentares...) que colocam bem o Professor diante da turma, como impressionam favoravelmente o soldado em relação ao Oficial. O mesmo se poderia dizer dos trajos civis: nenhum aluno aprecia um Professor que, vestido civilmente, tenha aparência destoante com a posição que ocupa e com a responsabilidade que lhe cabe, e da qual o aluno sabe-se o objetivo e a causa.

Enganam-se os que pensam que se tornam mais simpáticos, forçando (ou conservando) atitudes de desleixo, na postura e no trato das suas vestes (principalmente dos uniformes); às vêzes, gozarão de uma eventual capacidade de atração, gerada muito mais por uma espécie de parceria faltosa, de convivência culposa, do que pelo respeito que deve ser a base das relações entre os homens — particularmente entre Professores e alunos.

Isto, quanto ao que se refere a coisas materiais. Que não dizer do valor dos exemplos morais? E dos especificamente ligados ao ensino?

O procedimento do Professor para com a turma vai-se reproduzir no da turma para com ele. Se os alunos notam que a sessão não foi preparada, portanto, que o Professor não deu a ela maior atenção, julgam-se no direito de também não lha dar. Há reciprocidade de atuação.

É fato conhecido que certos alunos coladores comprometem-se a não colar nas provas do Prof Fulano, porque a absoluta lealdade com que eles os trata — boas aulas, provas rigorosas, mas acessíveis e bem corrigidas, ausência de favoritismos, aqui uma ajuda numa dificuldade pessoal, ali uma recomendação oportuna, hoje uma repreensão enérgica mas ponderada, amanhã a desculpa a uma falta involuntária — é uma forma de tratamento que exige correspondência.

Enfim: Mestre, Amigo, Exemplo — eis o Professor!

4. A seleção para o nosso Magistério precisa ser, cada vez mais, muito cuidadosa — e realmente seletiva. Não é excessiva a repetição de que “um professor é um sacerdote”. Realmente o é; pelo menos, deve sê-lo. Na medida em que sacerdócio é dedicação, é devotamento, é desprendimento, é até sacrifício; e também em que é função nobre e sublime.

Daí, ter de a missão recair sobre pessoas capazes de a exercerem com aptidão comprovada e integridade absoluta.

No caso do Professor militar, releva esta exigência, embora deva ser quase um corolário da sua própria condição.

Não entrarei no mérito do “magistério da AMAN”, dada a natureza eminentemente profissional dessa Academia. Mas abordarei um aspecto dos Colégios Militares.

5. Um Colégio Militar não prepara necessariamente os seus jovens para a carreira militar. Muito ao contrário: verifica-se que a maioria dos seus ex-alunos não abraçam aquela carreira. (*)

Entretanto, enquanto lhe cursa as aulas e o freqüenta como aluno, deve este sujeitar-se às exigências que ali se fazem, inclusive às de caráter tipicamente militar. São marchas, exercícios, instruções, desfiles, serviços, prestação de continências, rigores nos uniformes e na disciplina — tudo isto, aliás, compensado pelo fornecimento do Certificado de Reservista, satisfeitas certas condições.

Mas não apenas aí reside a vantagem de tantas imposições, digamos assim, extracurriculares; pois sucede que é justamente através desse contrôle intenso e permanente, dessa militarização parcial, que se procura moldar da melhor maneira o caráter e o espírito do moço estudante, dando-lhe uma base de princípios sadios, dignos e patrióticos que o auxiliem a triunfar em qualquer campo de atividade.

Eis porque, então, transcende de importância o Professor. É que o ex-aluno, seguindo afora pela vida civil, vai forçosamente recor-

(*) Ler a respeito, do mesmo autor, o capítulo “Os Instruendos”, no artigo “A Artilharia do Colégio Militar” (“A Defesa Nacional”, Mai 54, pág. 67).

dar-se do Colégio Militar; dêle, há de lembrar-se sempre com saudade e afeto, porque é o "seu colégio", mas também há de julgar a todo o Exército pelo que viu, assistiu, em alguns anos ali passados. Fica, assim, o conceito de toda uma instituição ao sabor de um prisma de julgamento — e não se diga que êste nos deva ser indiferente. Não é não. A democracia precisa que as suas componentes funcionem harmônicamente, e o primeiro passo para tal é que se conheçam, se entendam e se considerem. Ora, a componente basilar dum sistema democrático é o homem — sua razão de ser. E a opinião de um homem é algo de respeitável, máxime quando se estriba, justa ou injusta, em argumentos sólidos. Só há, portanto, um meio de podermos tranquilamente enfrentar o veredito dos nossos ex-alunos, e recebermos louvores, em vez de críticas: é darmo-lhes, a êles, o máximo de atenção, de dedicação, de ensinamentos, de exemplo.

Ninguém mais abalizado para tão alta responsabilidade do que o Oficial-Professor; aquêle que fala ao aluno pelo menos uma hora por dia; às vêzes três ou quatro dias por semana; que é visto pelo aluno quase diariamente; que lhe tira as dúvidas; que lhe indica normas de proceder; que lhe ausculta os anseios; que lhe sugere atitudes; que lhe esclarece sôbre a vida; que o incita ao estudo e ao esforço; que o corrige; que o compreende, que o distingue, que o critica, e felicita, e ampara, e até faz suas as alegrias do aluno ou com êle sofre.

NINGUÉM MAIS CREDENCIADO!

6. Para tão pujante tarefa, tem buscado o Exército recrutar professores, em especial, entre a oficialidade de carreira.

Com isto, entra nos estabelecimentos de ensino militar, pelo entusiasmo que deve ser imanente ao oficial, a seiva vivificadora que vai frutificar em seguida, ao contato salutar da experiência dos mestres mais amigos.

Além do que, homens mais moços, poderão também mais facilmente insinuar-se à confiança dos alunos, levando-lhes outros e novos argumentos sôbre os grandes problemas dos nossos dias — notadamente os de fundo social.

A liberdade de cátedra é uma das conquistas do sistema democrático; deve ser intransigentemente posta em defesa desse sistema e de si mesma, e com êste fim cabe ao professor, usando-a, orientar os seus discípulos no sentido retilíneo da vida, incompatível com qualquer totalitarismo, com qualquer esmagamento das liberdades básicas do homem, com qualquer rebaixamento dos direitos inalienáveis do indivíduo.

Numa época em que o comunismo procura açodadamente subverter a ordem natural da existência dos povos e dos homens, é imperioso que se fale claro e sem rodeios; que se olhe nos olhos a questão, e se digam as verdades que precisam ser ditas; que não se condescenda — com a desordem, com inversão dos valores, com as badernas organizadas, com o desrespeito à família, ao lar e à Escola, com o descrédito da autoridade; que não se transija nunca e a nenhum preço: nem sequer aquêle da segurança pessoal, já que só lograremos sobre-

viver, com liberdade e decência, à custa da nossa persistência no combate a tôdas as formas do mal que nos ameaça.

Tudo isto que é uma realidade atual e tem de ser ressaltada — mesmo porque, a difusão das idéias malsãs do comunismo já está portas adentro dos nossos lares, dos nossos quartéis e das nossas escolas — tudo isto, é o professor que pode dizer, explicar, destacar, afirmar e reafirmar:

Das alturas respeitáveis do seu magistério, é o professor que pode, melhor do que ninguém, e deve fazer esta verdadeira campanha esclarecedora, de combate constante, indormido, vigoroso, ao perigo internacional do comunismo. Fazê-la, com a energia cívica que as ações meritórias solicitam de um mestre, é contribuir para que, no futuro, outros alunos possam continuar ouvindo outros mestres, mas sempre sob um regime de liberdade, de segurança, de amor.

7. São estas as considerações que me ocorrem, ao saber de tantos conhecidos que, saindo definitivamente da tropa, vão-se empenhar nos trabalhos cansativos do magistério, cheios apesar disto de compensações reconfortantes. Pois sei que o são. Filho de professor, que também cedo deixou a caserna pela cátedra, sou testemunha dos esforços exaustivos, como das recompensas confortadoras. E destas, não pequena é ser citado e apontado pelos antigos discípulos, muitos e muitos anos depois, como mestre exemplar e homem de bem.

A que mais há de aspirar um professor?



PEÇAS LEGÍTIMAS

Cia.



Comércio e Indústria

Av. Oswaldo Cruz, 73/95

tel. 45-8187

R. Camerino, 79/81

tel. 43-4990

R. Bambina, 36

tel. 36-6763